

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTE**  
**CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E**  
**COMUNICAÇÃO**

**Marcela Cavalheiro Rodrigues Torres**

**AS DIVERSAS FACES DA ARTE DE RUA EM SÃO PAULO**

As mulheres no grafite da cidade

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

AS DIVERSAS FACES DA ARTE DE RUA EM SÃO PAULO

As mulheres no grafite da cidade

**Marcela Cavalheiro Rodrigues Torres**

Projeto para o Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em Gestão  
Projetos Culturais.

**Orientador: Prof. Dra Alecsandra de Oliveira**

São Paulo

2022

# AS DIVERSAS FACES DA ARTE DE RUA EM SÃO PAULO<sup>1</sup>

**Marcela Cavalheiro Rodrigues Torres<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo fazer um recorte no mundo da arte de rua, em específico o grafite. Pesquisar a história do grafite nacional e discutir como a pichação ainda é vista como uma arte marginal, sendo considerada ilegal e não como expressão cultural. Por meio de um estudo sobre o centro de São Paulo, a ideia é traçar, historicamente, a mudança na paisagem causada pela arte urbana em toda a Cidade. Filtrando, mais especificamente, o trabalho das mulheres no cenário contemporâneo, nos últimos 10 anos.

**PALAVRAS-CHAVES:** arte, manifestação, feminismo, resistência, grafia e cultura

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais

<sup>2</sup> Pós-graduando em Gestão de Projetos Culturais

## **ABSTRACT**

This article aims to shine a light on street art, specifically the art of graffiti. To research the history of graffiti in Brazil and argue about tagging, or "pichação", and the impact of this cultural expression still considered ilegal in the country. Through a study of São Paulo downtown area, this work would like to map, historically, the change in landscape of the city, specifically, the work of women artists for the past 10 years.

**KEYWORDS:** art, protest, feminism, resistance, drawing, culture.

## **RESUMEN**

Esta investigación se centra en el mundo del arte callejero, concretamente en el grafiti. Investiga la historia del grafiti en Brasil y discute cómo este sigue siendo visto como un arte marginal, que es considerado ilegal y no una expresión cultural. A través de un estudio que se ha hecho al centro de São Paulo, se ha podido rastrear históricamente el cambio en el paisaje provocado por este tipo de arte urbano en toda la ciudad. Se filtra concretamente el trabajo de las mujeres en el escenario contemporáneo de los últimos 10 años.

**PALABRAS CLAVE:** arte, manifestación, feminismo, resistencia, graffiti, escritura y cultura.

## 1. INTRODUÇÃO

A arte de rua, por definição, é a expressão que se refere a manifestações artísticas em espaços públicos, fazendo parte da cultura local, tornando-se, inclusive, atração turística em certos centros urbanos. Dessa maneira, podemos pensar na arte urbana como parte da cultura de um povo.

O presente artigo tem como objetivo fazer um recorte no mundo da arte, analisando a arte de rua e, em particular, o grafite da cidade de São Paulo. Iremos observar a mudança na cidade através da arte de rua contemporânea. E, também, como a arte de mural transformou a cidade de São Paulo em um museu a céu aberto. Faremos um recorte da parte central da cidade nos últimos 10 anos, focando nas artistas mulheres que expõe na cidade, tentando responder à pergunta: **Como a arte de rua das mulheres se transformou junto com os espaços públicos da cidade de São Paulo nos últimos 10 anos?**

Tem-se como foco principal os trabalhos das grafiteiras mulheres de São Paulo. Artistas como Crica Monteiro, Mag Magrela, Hanna Lucatelli e o grupo Efêmmerra. Assim, por intermédio da produção dessas mulheres, torna-se possível compreender que a arte de mural transformou a cidade, em contraponto ao espaço fechado: museus e galerias. Faremos, portanto, um estudo sobre a arte de rua contemporânea como manifestação.

O trabalho é desenvolvido, em grande parte, a partir de leituras e pesquisas em arquivos. Iremos analisar como é feita a comercialização da arte de rua, algo imprescindível não só para a manutenção do artista, como para a pretendemos no primeiro tópico aprofundar mais na história do grafite nacional e internacional, e discutir como a pichação ainda é vista como uma arte marginal, sendo considerada ilegal e não como uma expressão cultural. Na segunda parte do projeto, faremos um estudo do centro de São Paulo. Na terceira parte falar ainda sobre as políticas públicas, assim como sobre as Casas de Cultura e os projetos de Ongs que ajudam essas artistas periféricas. E trazer um pouco do momento atual com os projetos empena que estão surgindo agora com as artistas mulheres.

Por fim, traçaremos, historicamente, a mudança na paisagem feita com a arte urbana em toda a da Cidade de São Paulo, filtrando, mais especificamente, nas artistas da cena contemporânea do centro nos últimos 10 anos.

## 2. A transformação da arte de rua na cidade de São Paulo

A arte de rua é a expressão que se refere a manifestações artísticas em espaços públicos, fazendo parte da cultura local, tornando-se, inclusive, atração turística em certos centros urbanos. Dessa maneira, podemos pensar na arte urbana como parte da cultura de um povo, tal como sua música popular ou a gastronomia local.

(...) embora de difícil definição, a expressão “cultura popular” tem a vantagem de assinalar aquilo que a ideologia dominante tem por finalidade ocultar, isto é, a existência de divisões sociais, pois referir-se a uma prática cultural como popular significa admitir a existência de algo não popular que permite distinguir formas de manifestação cultural numa mesma sociedade. (Chauí, 2014, p. 30)

Vendo, então, por esse modo, podemos pensar no tamanho do significado da arte de rua. São Paulo é uma cidade em constante movimento e transformação, e, nos últimos anos, a arte de rua tem ficado cada vez mais em evidência. Aprendemos em aula que a cultura é naturalmente um agente de mudança social, assim, podemos pensar na influência que a arte urbana tem na dinâmica da cidade.

Em 2009, em uma das primeiras iniciativas de levar a arte de rua para o espaço fechado na cidade de São Paulo, a arte de rua foi para os museus quando o MASP trouxe a exposição "De dentro para fora, de fora para dentro" com obras de artistas como Zezão e Titi Freak, e mais outros quatro artistas de rua brasileiros. Apesar de ter esse espaço recente de reconhecimento em galerias e museus, o grafite tende a manter uma resistência em permanecer nas ruas, como uma forma de chegar mais perto das pessoas, expressar seu descontentamento, posicionamentos políticos, sociais e mostrar sua estética.

Nesse estudo examina-se como a arte de rua mudou a paisagem urbana da cidade de São Paulo, entre os anos de 2009 e 2019, com a exposição do MASP até o começo da pandemia. E, principalmente, as mulheres na arte de rua de São Paulo.

O uso de símbolos é um traço distinto da vida humana, uma forma de expressão que existe desde os tempos pré-históricos. A ideia de pintar nos muros é algo que sempre esteve na história da nossa sociedade e se mantém até hoje como forma de expressão. O Grafite é uma manifestação gráfica vinda do movimento hip hop, que se iniciou entre as

décadas de 1960 e 1970, em nova Iorque e que se espalhou em diversas grandes metrópoles, como São Paulo.

Surgiu como uma nova maneira da cultura negra norte americana lutar para que suas singularidades étnicas fossem aceitas. As demarcações dos membros do Hip Hop encontraram elo em outras formas de manifestações gráficas, como muros e paredes das cidades parisienses, onde eram feitas em caráter de protestos aos regimes governamentais nas décadas de 60 e 70.

**GRAFITE: DA MARGINALIDADE ÀS GALERIAS DE ARTE**

Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br> > arquivos>

*Les murs ont la parole:* (As paredes falam), era o que estava escrito nos muros e paredes das ruas de Paris, nas manifestações de maio de 68. “La beauté es dans le rue”, a beleza estava nas ruas.



Figural. - Cartaz francês de 1968 – (A luta continua, tradução nossa)

No Brasil, assim como em Paris, o grafite também surgiu em forma de revolução na época da ditadura militar, naquela época o grafite era considerado crime pela legislação brasileira.



Figura 2. Cartaz ABAIXO A DITADURA.

Nesse período, como forma de resistir aos regimes ditatoriais que tomavam conta de grande parte da América Latina, as artes estavam em efervescência, não só nas ruas como nas músicas, teatros, festivais etc. Criando um ambiente de resistência e não apenas uma forma de entretenimento.

Nessa época as primeiras manifestações em muros eram, na verdade, pichações, algo que até hoje é considerado crime e não reconhecido como arte, mas não podemos deixar de analisar seu importante caráter revolucionário.

**Art. 65.** Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011)  
Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011)

O grafite e a pichação fazem parte da paisagem da cidade, incorporando a cultura de cada lugar. A sociedade atual muda tão rapidamente quanto a arte urbana, a própria arte se reinventa, e quando um artista faz uma obra na rua ele sabe que ela está vulnerável a mudanças climáticas, intervenções humanas e urbanas. A paisagem urbana interfere no modo como vivemos e a arte está sempre presente em nossas vidas, de maneira direta ou indireta.

Se o Manifesto Comunista foi uma proposição corajosa contra a violência da prática capitalista, a prática da pichação é a do constante e concreto manifesto urbano contra uma

ordem político estética. O pixo é, sim, certa violência estética, mas contra a violência estética generalizada do gosto capitalista. Já dissemos que toda violência tem sua estética, assim como toda política e toda ética tem sua estética. A pichação é a estética contra o “todo” enquanto ao mesmo tempo se faz diálogo com quem não quer diálogo algum. Por incrível que possa parecer, a pichação dialoga com a cidade é um desejo de conversa que a anima. A pichação acorda a cidade de seu silêncio visual. Abre os olhos contra a cegueira nossa de cada dia. (TIBURI, 2013).

### 3. As manifestações artísticas no centro histórico de São Paulo

O centro de São Paulo é onde podemos encontrar grandes prédios com artes de murais, grafites pelas ruas e, até mesmo, exposições, como, há pouco tempo atrás, aconteceu na Pinacoteca. Uma das maiores exposições de grafite que se tem notícia, de 15 de outubro de 2020 a 9 de agosto de 2021, ficou em cartaz a exposição *OSGEMEOS: Segredos*, um acontecimento na Pinacoteca de São Paulo. Em plena pandemia do Corona vírus, os gêmeos atraíram mais de 60 mil pessoas para a pinacoteca com um acervo que contava com pinturas, instalações imersivas e sonoras, esculturas, desenhos e cadernos de anotações, tudo que se relaciona ao trabalho dos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo.



Figura 3 – Foto da Autora/ Exposição *OSGEMEOS: Segredos*

Quando, por exemplo, andamos pelo Minhocão temos a visão de diversas artes de murais, como um museu a céu aberto. Diferente das artes em museus, 'ninguém pede para ver um grafite', ele simplesmente está lá, no seu cotidiano, como uma árvore, um prédio, um carro que passa e, às vezes, as pessoas nem dão atenção, embora, hoje em dia, já seja possível ir a uma exposição de arte para ver e conhecer um grafite, sua verdadeira casa é nas ruas e sua intenção é que as pessoas sejam surpreendidas por ele.

“Quando o grafite vai para galeria, ele deixa de ser grafite e vira uma representação do grafite.” Grafiteiro entrevistado no Artigo “o grafite na Galeria”.  
O grafite faz parte da nossa cultura, o que seria de São Paulo sem seus muros pintados?

A cultura pode ser vista como conjunto inter-relacionado de crenças, costumes, formas de conhecimento, arte, etc. que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade (THOMPSON, 2011, p. 171)

A arte de mural está transformando a paisagem da cidade de São Paulo, são murais gigantes nas laterais dos prédios que transformam nossos dias cinzas em uma visita a um museu a céu aberto.



Figura 4 – Foto da Autora/ Vista do Minhocão

### 3.1 Empenas artísticas

As empenas artísticas surgiram, conforme vimos em pesquisas, como uma necessidade de colorir a cidade, pois os lados sem janelas dos prédios, já sem utilidade na lógica das construções, acabaram por entristecer o espaço urbano, “gerando um incomodo estético”. Para os artistas, esses espaços se concretizaram como uma grande tela branca, e começaram a ser preenchidos por obras quase sempre temáticas e engajadas. É interessante também notar como os temas, muitas vezes, se adequam às características do entorno ou de alguma situação recém acontecida, e como o grafite pode transformar os espaços e o nosso dia-a-dia.

#### 4. Mulheres na história da arte

As academias de belas artes começaram a aceitar mulheres bem tarde. No Brasil as mulheres puderam frequentar a Escola Nacional de Belas Artes, criada em 1816, com o nome Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, somente a partir de 1892.

No século XVII era muito bem visto que as mulheres se dedicassem a pintura, como era também muito interessante que elas fossem realizadas nas artes em geral, como tocar piano e dançar ballet, o problema é que esses quadros só eram bem vindos quando eram bonitos, graciosos e leves, assim como as mulheres deveriam ser. Na França, no século XIX foi criado o tema “arte feminina” para se referir a inserção da mulher no mundo das artes.

As mulheres mencionadas na história da arte, quando não ocupavam o papel de musas, estavam vinculadas aos homens de alguma outra maneira, como aprendizes, amantes, alunas e seguidoras, raramente eram vistas como criadoras autônomas. **Relato extraído do Curso Frida Kahlo: Alteridade e corporeidade. - Aula 1**

Em 1971, Linda Nochlin escreveu um dos primeiros artigos sobre o assunto, “Why have there been no great women artists?” no qual abordou a invisibilidade das mulheres na história da arte. Um dos principais empecilhos encontrados pela autora, contra a admissão de mulheres nas academias, era a impossibilidade do estudo do nu, visto que tal atitude conflitaria com os códigos sociais e morais da época. Sem falar que a ligação entre as mulheres e a arte era normalmente vista como hobby, jamais como uma profissão e meio de vida.

No México as mulheres foram paulatinamente conquistando espaço na Academia de San Carlos, mas não podiam assistir às mesmas aulas que os homens. Em 1898 foi criada uma disciplina de desenho da figura humana específica para mulheres. Todavia, o que poderia significar um avanço, na verdade, reforçou uma exclusão. Afinal, nessas aulas as mulheres estavam autorizadas ao desenho de algumas partes do corpo, como pés, mãos e rosto - raramente podiam desenhar torsos – e continuavam submetidas a critérios depreciativos de gênero. **Relato extraído do Curso Frida Kahlo: Alteridade e corporeidade. - Aula 1**

Em todos os períodos que estudamos da história da arte existem mulheres que, normalmente, não ouvimos falar ou não estudamos com tanta frequência quanto os

homens. Mas elas estiveram sempre lá e seus trabalhos não tem menor ou maior valor que qualquer outro, então porque, até hoje, com tantas mudanças ocorridas aprendemos tão pouco sobre elas?

#### **4.1 Arte contemporânea e feminismo**

Segundo estudiosos, a história do movimento feminista pode ser dividida em quatro partes, o feminismo pré-moderno, onde surgiram as primeiras manifestações; o feminismo moderno (ou primeira onda), com o movimento das mulheres da Revolução Francesa; a chamada segunda onda do feminismo moderno com os movimentos sociais do século XIX e, por fim, o feminismo contemporâneo, (terceira onda) com os movimentos dos anos 60 e 70.

Em 1985, as Guerrilha Girls, um grupo de artistas anônimas, protestaram por toda Nova York, pela ausência de mulheres artistas em uma exposição no Museu de Arte Moderna. Nesta exposição havia 169 artistas expostos e menos de 10% eram mulheres. O grupo se fantasiou de gorilas e fizeram várias intervenções, como cartazes e pixações, por toda Manhattan.

Chegando nos tempos atuais encontramos uma exposição de 2007 em Los Angeles, a WACK! Art and the Feminist Revolution, que foi a primeira exposição de arte feita sobre as influências feministas. Focada no período de 1965 a 1980, incluindo pinturas, esculturas, fotografias, filmes e performances, feitas por mais de 120 artistas de 21 países diferentes. Entre elas o Where We At (WWA): Black Women Artists, que foi uma coletiva de artistas mulheres negras ligadas ao Black Arts Movement, fundado inicialmente por 14 artistas negras no Greenwich Village. Onde os temas focados eram as relações das famílias negras, as condições sociais contemporâneas e as tradições africanas.

O problema não se restringe apenas às artes plásticas. Recentemente, em 2016, a universidade de Londres, UAL – University of arts, na Central Saint Martins, aconteceu a exposição “100 yrs of visual communication by women”, onde vemos apenas obras de designers gráficas mulheres. (100 years of the college’s female alumni.) O que só comprova que o movimento está crescendo.



Figura 5 – Guerrilla Girls

Em diversas áreas, a história é a mesma, e lembrando aqui a conhecida afirmação da escritora Virginia Woolf: “por muito tempo na história, ‘anônimo’ era uma mulher”, entendemos que a presença da mulher nas artes, e no caso em que estamos citando, na literatura, também se tornou muito importante, sendo, inclusive, discutida por vários coletivos feministas.

#### **4.2 As mulheres na arte de rua de São Paulo**

Existem atualmente muitas mulheres grafiteiras em São Paulo e que expõem sua arte pela cidade. Crica Monteio, nascida e criada aqui, “grafiteira formada na rua, designer por formação acadêmica e ilustradora por paixão”, como ela mesma diz em seu site oficial. Em 2019, ela e outras 5 artistas mulheres participaram do projeto “Tarsila Inspira”, em homenagem a modernista Tarsila do Amaral, cuja exposição Tarsila Popular foi a mais visitada da história do MASP. Entre as grafiteiras que participaram do projeto estavam também Simone Siss, Hanna Lucatelli, Katia Lombardo, Laura Guimarães e Mag Magrela.

“É uma responsabilidade muito grande porque você está jogando uma obra na cara de quem não pediu pra isso. Quando a pessoa vai ao museu, ela pede por aquele encontro. Na rua, ela não pediu. Mas é muito importante. Vivemos em um país muito carente de arte

nas escolas, de arte em todo lugar. E a arte acaba sendo uma coisa muito elitista de quem já tem esse interesse vai buscar ela.” (SIMONATO, 2019)

Crica recriou a obra “A Negra”, da artista Tarsila do Amaral, de 1923, colocando no lugar da escrava uma mulher livre e intitulando o mural como “Preta Rainha”.

Com a intenção de trazer a mulher negra para o papel de protagonista e não apenas fazer uma releitura da obra.



Figura 6 – Mural

“Vamos cuidar e observar as obras, falou?! Deu um mega trampo! Só pra lembrar que agora é retratamento histórico, a arte urbana faz parte do eco sistema Paulistano. Bora comemorar!” Crica Monteiro.

Com o crescimento do número do artistas mulheres no mundo do grafite a arte virou uma das principais maneiras de expressar descontentamento com a desigualdade de gênero, em um ambiente predominantemente masculino.

"Os caras se sentem à vontade pra chegar e opinar sobre o seu trabalho, como se você não tivesse conhecimento da técnica ou do conceito. Existe um desrespeito ao espaço da mulher. A rua e o público sempre pertenceram a eles, e a mulher sempre foi relegada ao lar. Mas, hoje, temos visibilidade maior, tanto com mais trabalhos expostos como por movimentos de ocupação: grafitar, caminhar, andar de bicicleta são formas de ver mais mulheres ocupando", aponta grafiteira Ceci.

A arte de rua não só transforma São Paulo em um museu a céu aberto como também é passa a ser um espaço para a efetivação da luta feminina.

## **5. Considerações finais**

A arte de rua e suas manifestações se dão de forma complexa, pois ao mesmo tempo que podemos pensar nos avanços das questões legais, como o grafite sendo mais reconhecido e visto como arte, a pichação continua sendo ilegal. Toda manifestação em um espaço coletiva também é um ato político, não só esteticamente, mas também como um registro dos principais acontecimentos.

Quanto a nossa pergunta proposta, pensamos que ela foi respondida parcialmente, principalmente pelas leis de empena e movimentos sociais, a arte de rua tem mudado a estética da cidade de São Paulo, mas acreditamos que seja algo que está em constante movimento. Podemos também concluir, com relação as artistas mulheres, que por mais que as mulheres estejam ganhando cada vez mais seu espaço, estamos longe de ter o mesmo reconhecimento que os artistas masculinos. As meninas precisam de mais incentivo, projetos voltados para perder o medo

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas: Magia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1979.

CAVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições Sobre Estudos Culturais**, São Paulo, Boitempo, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. In: **Conformismo e resistência**. São Paulo: autêntica, 2014.

ESPADA, Heloisa (Org.) **Onde estão os negros?**. Disponível em: <<https://ims.com.br/convida/coletivo-frente-3-de-fevereiro/>> Acesso em: Outubro 2021

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do Feminismo**. 3a edição. São Paulo: Editora Claridade. 2011. 120 p.

LIMA, Venício A. **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNB, 2015.

NOGUEIRA, Pedro Caetano. **A Política do Silêncio: arte e educação na poética do coletivo Política do Impossível** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbep/a/JkZQKML7CvDBF39qsVZFLzg/?lang=pt>>. Acesso em: Out. 2021

NUNES, Kamilla. **Espaços Autônomos de Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora circuito, 2013.

MIYADA, Paulo; MAYAYO, Patrícia. **Relato Curso Frida Kahlo: Aula 1: Alteridade e corporeidade**. Disponível em: <[institutotomieohtake.org.br](http://institutotomieohtake.org.br)>. Acesso em: Maio 2022

PEDROSA, Mario. **Arte Necessidade Vital**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/374117046/Mario-Pedrosa-Arte-Necessidade-Vital-1947>>. Acesso em: Acesso em 25 out. 2021.

SYKES, Ruth. A+: 100 YRS OF VISUAL COMMUNICATION BY WOMEN AT CSM. Disponível em: < <http://www.arts.ac.uk/csm/whats-on-at-csm/window-galleries-/window-galleries-past-exhibitions/a-100-yrs-of-visual-communication-by-women-at-csm>>. Acesso em 25 out. 2021.

SIMONATO, Sabina. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/12/19/projeto-inspira-tarsila-espalha-5-murais-gigantes-na-cidade-de-sp.ghtml>> Acesso em 25 out. 2021.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social e ética na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TIBURI, MARCIA. **Direito Visual à CiDaDe** .Disponível em:  
[http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2013/12/redobra12\\_EN6\\_marcia.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wpcontent/uploads/2013/12/redobra12_EN6_marcia.pdf)  
Acesso em 25 out. 2021.

WHERE are the women. Produção Tate e Le Méridien. Londres: Tate, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbUkraQIYv8>.> Acesso em: 24 jan. 2014.